

Saddam Volta ao Ataque?

George Joffé

Numa altura em que beneficia da subida de preços do petróleo e em que a sua situação começa gradualmente a melhorar, o que leva o Iraque a retomar velhas declarações hostis em relação aos seus vizinhos? Uma nova guerra neste momento não convém a Bagdad. Mas Saddam não desistiu de recuperar o controlo sobre a zona semi-autónoma do Curdistão.

No momento em que a crise do combustível atingia, em meados de Setembro, o seu auge na Europa, o líder imprevisível do Iraque, Saddam Hussein, acrescentava-lhe comentários incendiários. Acusou primeiro o Koweit de roubar petróleo iraquiano - a mesma acusação que precedeu a invasão iraquiana de 1990 do seu vizinho austral. Virou-se de seguida contra a Arábia Saudita pelo seu apoio continuado aos ataques aéreos britânicos e americanos contra o Iraque. Finalmente apontou para o vizinho oriental mais poderoso do Iraque, o Irão, acusando-o de estar por detrás de um ataque por mísil a Bagdade, no qual aparentemente uma casa foi destruída e um dos seus ocupantes ferido.

Cada um destes incidentes ilustra um aspecto diferente da nova abordagem do Iraque à política externa, todos eles direccionados para que o mundo exterior seja forçado em levar a sério o país e em reconsiderar a conveniência da continuidade das sanções. Há algum tempo que as autoridades iraquianas têm sido crescentemente contumazes sobre a perenidade das restrições que lhes são impostas pelo regime de sanções das Nações Unidas, enquanto procuram maneira de remover o fardo do constrangimento internacional. Os actuais programas petróleo-contra-alimentação traduzem a inexistência virtual de qualquer restrição à capacidade do Iraque em exportar petróleo - e o país não se submete a qualquer sistema de quotas OPEP, embora tenha retomado o seu lugar na organização.

O Iraque não ignorou a ansiedade ocidental sobre os preços do petróleo - que permanecerão altos, tudo o indica, até à próxima primavera pelo menos. Culpa, tal como a generalidade dos Estados da OPEP, os regimes de tributação ocidentais pelo mal-estar que trazem aos consumidores e rejeita qualquer tipo de crítica aos produtores de petróleo. Em todo o caso, Bagdade regozija-se pela subida nos preços do petróleo já que continuará a produzir aos níveis máximos que pode. Este ano, segundo estimativas dos Estados-Unidos, o Iraque irá arrecadar entre 12 a 13 mil milhões de dólares pelas vendas de petróleo devido aos seus níveis de preço elevados, mesmo com uma produção limitada pelos danos nos seus poços de petróleo. Sem surpresa, Washington não se apressou em aprovar os 600 milhões de dólares que as Nações Unidas pretendiam para reabilitar a indústria petrolífera iraquiana.

Dado os elevados preços de petróleo, Bagdade está provavelmente menos preocupado do que aquilo que se esperava, embora a sua capacidade de produção de petróleo continue limitada a menos de 3 milhões de barris/dia. O aumento do níveis de receitas assegurará ao regime a cobertura dos seus custos de importação, sobrando rendimentos para outras actividades, mais clandestinas, que já não poderão ser verificadas dado que a UNSKOM foi expulsa em Dezembro de 1998 e o Iraque recusa considerar o novo regime proposto na Resolução 1284/1999 do Conselho de Segurança. Não deixará no entanto passar em branco a hostilidade americana, particularmente num momento em que os Estados Unidos se encontram

cada vez mais distraídos pela campanha presidencial que agora entra na sua fase final.

Por estas razões se percebe a súbita hostilidade em relação ao Koweit e à Arábia Saudita - aconteceu há quatro anos, exactamente neste período, quando as preocupações americanas estavam viradas para a política interna. No entanto, tal como então, não é provável que o Iraque se vire contra os seus vizinhos austrais porque sabe - e o Secretário de Estado americano para a defesa, W. Cohen, lembrou Saddam Hussein para o caso de se ter esquecido - que Washington dispõe de uma enorme capacidade de fogo ao seu alcance, caso o Iraque se sinta seriamente tentado.

A questão do Irão é diferente. As tensões da longa guerra de oito anos que os dois países travaram nos anos 80 persistem e o Irão ainda não esqueceu o que considera ter sido uma agressão iraquiana. O Iraque continua a abrigar o Moujahhidine Khalq, um poderoso movimento anti-Teerão que tem intervindo constantemente em território iraniano nos últimos meses. Não obstante as relações formais serem correctas e embora o Irão aja como um canal para as exportações ilegais de petróleo iraquianas, enquanto os peregrinos iranianos invadem o Iraque todas as semanas para visitar os locais sagrados xiitas, o Irão sempre respondeu aos ataques perpetrados a partir do território iraquiano. Existe portanto, embora Teerão o negue, uma grande possibilidade que o Irão seja responsável pelo último incidente em Bagdade.

Contudo, até aqui é muito improvável que o Iraque ameace realmente o seu vizinho oriental. Tem todo o interesse em lembrar os seus vizinhos da sua presença e do seu poder, mas pouco interesse real em ameaçá-los genuinamente. O regime de sanções está sob crescente pressão e o seu colapso final necessitará do apoio da sua vizinhança - daí a preferência do Iraque pela violência verbal e não física. Em todo o caso, Bagdade gostaria de ver as companhias internacionais de petróleo marcarem passo à sua porta com a finalidade de obterem concessões no seu sector petrolífero em expansão - o qual hoje, com 112.5 mil milhões de barris, é o segundo maior do Médio Oriente a seguir à Arábia Saudita. E eles não virão se uma guerra pairar no ar.

De facto, esta é a verdadeira natureza da ameaça iraquiana: pressão nos Estados vizinhos e amigos para quebrar ou ignorar a actual barreira das sanções. Em meados de Setembro, um carregamento de homens de negócios russos quebrou as sanções aéreas ao aterrar no recentemente reabilitado aeroporto internacional Saddam Hussein à procura de possíveis contratos. Rapidamente foram seguidos por um avião de proveniência francesa - não obstante a interdição de voo das Nações Unidas! Outras acções unilaterais deste tipo são esperadas nos próximos meses.

Washington e Londres mantêm-se firmes na sua rejeição de qualquer nova política em relação a Bagdade, embora a barreira das sanções já apresente sérias fissuras em ambas as direcções. Assim sendo, o Iraque tem todo o interesse em evitar uma escalada da violência, mesmo que a violência verbal seja útil para lembrar que o Iraque está em recuperação. Está hoje ligado por via férrea ao seu antigo inimigo, a Síria, e o pipeline entre os dois países, fechado desde Abril de 1982, pode ser em breve reaberto. O Irão e o Iraque tentam evitar o conflito, apesar das irritações que persistem no seu relacionamento. As vendas de petróleo iraquianas aumentam devido à crise petrolífera ocidental. Por que razão Saddam poria tudo a perder?

À parte do facto de aborrecer os americanos durante a sua campanha presidencial, só existe uma razão - a recuperação total do controlo iraquiano sobre os territórios semi-autónomos do Curdistão. Certamente que Washington teme que a última rajada de declarações hostis por parte de Bagdade possam ter sido concebidas para

dissimular movimentos nesta direcção, embora o Pentágono ainda não tenha detectado nenhum movimento de tropas anómalo para dar razão a tais suspeitas. A realidade demonstra, no entanto, que é tempo de repensar as políticas da comunidade internacional para com o Iraque, mas isso para Washington, num ano de eleições, é esperar demasiado!